ISSN: 2358-8829

A VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO LOCAL NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA DE ESCOLAS DO INTERIOR DO AMAZONAS

Jussara Fernandes Cantalino [1]

INTRODUÇÃO

A BNCC traz o inglês como língua Franca quando prioriza o foco na função social e política do inglês, mas ainda assim pode-se encontrar discussões na literatura em linguística aplicada que mostra o quanto o professor de inglês e até mesmo as dinâmicas sociais ainda valorizavam práticas apenas de países falantes da língua inglesa, mas não todos, principalmente Estados Unidos e Inglaterra. Segundo o texto logo na apresentação da Base Nacional Comum Curricular diz:

> Nessa proposta, a língua inglesa não é mais aquela do estrangeiro, oriunda de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido [...] Nessa perspectiva, são acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro. (BRASIL, 2018, p. 241)

Compreender o ensino de língua inglesa através da língua Franca significa dizer que a experiência do aluno assim como a sua independência para os estudos precisa ser parte central das aulas e da mediação do professor.

A partir desse princípio, pensou-se na entrevista semi-estruturada como forma de entender o que os professores de inglês do interior do Amazonas poderiam fazer ou já estão fazendo para priorizar e valorizar a cultura local em detrimento de apenas a divulgação da cultura global.

O British Council (2019, p. 78) traz como recomendação no documento intitulado "o currículo e educação integral na prática: caminhos para BNCC de língua inglesa" uma perspectiva que aborda o conhecimento sobre o aluno, as personalidades individuais, o nível de desenvolvimento no idioma e o que os alunos são capazes de fazer como fonte de inspiração para o professor preparar as suas aulas e o seu planejamento.

[1] Autor: Licenciada em Letras Língua Inglesa e Mestre em Trabalho docente, Políticas Educacionais e Formação de Professores pela Universidade Metodista de Piracicaba - SP. Professora no Ensino Superior pela Universidade Estadual do Amazonas, Núcleo de Ensino Superior de Ipixuna (NESIPIX-UEA), jcantalino@uea.edu.br;

ISSN: 2358-8829

O principal autor nacional que fala sobre a autonomia do aluno ao aprender diz que: "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (Freire, 1976)

A ideia de que o aluno deve ser detentor da motivação, interesse, experiências, aprendizado dentro da sala de aula permitem enxergar na figura do professor o mediador que irá conduzir o processo de ensino-aprendizagem dentro da própria realidade local, como preza a BNCC e o ensino para o século XXI.

O ensino de inglês não deve partir de limitações geográficas ou hegemônicas, mas sim da compreensão de que o falante de uma língua Franca tem a capacidade de conversar com sujeitos diversos no mundo, aprendendo com a experiência do outro também a sua identidade e lugar, rompendo com as fronteiras que nos mantem presos a uma só visão.

A partir desse princípio norteador, inicia-se as discussões com professores de inglês em exercício, com o objetivo de compreender como a identidade local está sendo trabalhada em conjunto com a cultura global.

METODOLOGIA

As entrevistas semi-estruturadas com os dois professores participantes mostrou um potencial para se discutir a cultura local e a identidade dos alunos também nas aulas de inglês, seja pela comparação com a cultura global e de países falantes ou não de língua inglesa, seja pela potencialidade do falar inglês para divulgação das experiências e vivências do aprendiz.

A escolha pelos dois professores de uma mesma escola estadual de Ipixuna-AM se deve por causa da diferença entre experiência dos dois, enquanto o primeiro tem mais de 20 anos de experiência lecionando língua inglesa na escola pública, o segundo é um professor que entrou este ano como substituto nas aulas de língua inglesa e estará se formando no ano que vem na licenciatura Letras-Inglês.

A escolha por esse tipo de entrevista, segundo Gil (2008), permitiu que o roteiro fosse mais flexível garantindo a participação e ressignificação da entrevista conforme a conversa entre participante-professor e entrevistador, também professora-pesquisadora. Entendendo que, segundo Bakhtin, a interação gera um discurso e a dialógica nesse discurso parte da ideia de que também modificamos ele a partir de quem escuta e de qual lugar estamos posicionados dentro dessa própria lógica. Sendo assim a pesquisa se transforma a partir da interpretação também da pesquisadora, uma vez que a própria fala

ISSN: 2358-8829

do sujeito é ressignificado nas discussões trazidas no texto. Em uma relação dialética com a realidade, do ensinar e aprender.

Nesta pesquisa não houve participação dos alunos, por entender que o sujeito professor, assim como suas crenças, modela o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula. Sendo assim, conversar sobre sua visão frente ao ensino da cultura, identidade local e Inglês como Língua Franca, se mostrou um passo inicial na compreensão das vertentes trazidas para sala de aula, também na ressignificação e reflexão da prática dos sujeitos, transportando esta para que seja também uma pesquisa-ação, além de um estudo de caso sobre o ensino de língua inglesa no interior do estado do Amazonas.

A BNCC DE LÍNGUA INGLESA E O CONCEITO DE LÍNGUA FRANCA

O conceito de Língua Franca trazido dentro da abordagem do ensino de Língua Inglesa na Base Nacional Comum Curricular se mostrou promissora ao romper com a cadeia de ensino que compreendia sempre a fala nativa e buscava a pronúncia baseada em estrangeiros.

Outro aspecto trazido com o texto é o ensino da cultura como parte central das aulas. Como descreve no trecho abaixo:

> É preciso compreender que o ILF é um conceito plural, um fenômeno intercultural por natureza, cuja parte significativa das interações em que a língua aparece ocorre numa grande variedade de comunidades de prática, sejam presenciais ou, nos tempos atuais, principalmente, virtuais (BRASIL, 2018, p. 217-218)

Em um mundo plurilíngue, considerar o inglês como língua mundial tem suas vantagens e desvantagens.

Como vantagens abordamos a ideia de maior contato com a comunidade global, uma vez que o turismo, negócios e até mesmo produção científica se torna mais ampla com o uso de apenas uma língua central, apesar de não defendermos sua escolha, de ordem colonizadora e principalmente político-econômica, traçada a partir de diversas guerras e conflitos de interesse que são de conhecimento da maioria das pesquisas em linguística aplicada.

Como desvantagem, a perda de identidade que ocorre em comunidades onde suas línguas nativas acabam por ser substituídas por uma língua com mais poder, entendendo-se poder como um jogo de hierarquias, assim como discute Foucault (1987).

ISSN: 2358-8829

Bauman (2001) descreve a sociedade de identidade liquida como algo cada vez mais comum, afinal, todos os dias, os jovens são bombardeados de vídeos e imagens que retratam a cultura de um mundo com fronteiras já um tanto quanto dispersas devido as redes de comunicação e interação social.

Em um mundo de diversos avanços nas tecnologias de interações sociais, deve-se fazer um esforço para que a força do inglês como língua de meio não possa apagar a cultura e experiências locais e individuais. Por isso a força de se compreender as nuances da formação em Língua Franca para além da perpetuação de colonização e apagamento de histórias.

Dessa forma propõe-se a abordagem do inglês também prezando a identidade do aluno suas experiências e vivências. Na tentativa de decolonizar o ensino de língua inglesa no Brasil.

A decolonização do inglês parte da compreensão de que é possível sim utilizar dos conhecimentos comunicacionais na língua para romper com a estrutura dominante ampliando a força de voz e lugar de fala dos sujeitos até então marginalizados. Permitindo o aluno fazer uso das aulas de inglês também para compreender e discutir sua cultura local, patrimônio cultural da sua comunidade, e por que não sua própria identidade, mutável e muitas vezes em eterna construção.

Falar sobre contexto local, vocabulários advindos da região do país, como exemplo o Amazonas, e do conhecimento do aluno, além de trazer discussões comparativas entre a cultura de outros países e o que se tem no Brasil, no estado e na sua cidade, se mostra potente na forma de trazer o aluno para dentro da sala de aula como sujeito integrante do currículo.

O CURRÍCULO DE LÍNGUA INGLESA NO AMAZONAS

Para a BNCC, como discutido anteriormente, o currículo deve ser trabalhado e adaptado as regiões e localidades das escolas e salas de aula. Sendo assim, todas as modificações e trabalhos extras trazidos pelo professor de línguas é justificado e embasado dentro da própria constituição.

Dessa forma, o PCP (proposta curricular do Amazonas), o PPP (projeto político pedagógico da escola) e cada um dos documentos norteadores do trabalho do professor e da equipe escolar, devem apoiar a jornada de descobertas e ressignificação do sujeito-aluno frente as discussões de todas as disciplinas. No caso do inglês, para além da

compreensão da estrutura da língua e do vocabulário, mas também as discussões sobre geopolítica e identidade cultural.

Da mesma forma, como o principal recurso, o professor tem o material didático, descrito a partir do livro didático, *listenings* e vídeos encontrados na internet, além da própria produção feita pelo profissional e direcionada aos alunos.

Jesus irá discutir que "No contexto do livro didático de inglês, o silenciamento sobre as formas de vida tradicionais da Amazônia é um exemplo desse silêncio fundante, que celebra uma globalização excludente e ignora a experiência local" (2026, p. 11).

Quando trabalhado o inglês a partir da perspectiva do estudante, encontramos potencialidade no combate a preconceitos já enraizados na própria cultura. E qualquer tentativa de priorizar conhecimentos externos que não os do sujeito, deve ser feito com cuidado e na perspectiva de não trazer uma cultura como superior ou melhor que a outra. Na tentativa de não deixar que o amazonense perca sua identidade ao mesmo tempo que aceita e respeita o diferente encontrado em outros países e em outras regiões.

O autor também vai discutir que "A representação dos sujeitos amazônidas, especialmente os indígenas e ribeirinhos, é marcada por uma estética do isolamento, evitando o contato com a tecnologia urbana para manter a aura de pureza exigida pelo mercado global de turismo e preservação" (JESUS, 2026, p. 17). Isso significa dizer que mesmo quando o material e as discussões em sala de aula traz o contexto local, ele ainda assim não compreende as especificidades da relação do homem e da natureza dentro do mesmo contexto, tentando manter o indígena e o ribeirinho como um povo intocado, algo muito distante da realidade.

Citando outro autor amazonense, compreende-se que "o ensino de práticas de linguagem como a compreensão e a produção oral e escrita precisa refletir aspectos do contexto com a simbologia que perfaz o imaginário local" (Uchoa, 2017, p. 517). Como por exemplo, trabalhar vocabulários locais em conjunto com palavras advindas da língua inglesa de outros países, normalmente os que tem inglês como língua nativa. Afinal, por que não ensinar *raspberry* ao mesmo tempo que ensinamos que cupuaçu é uma fruta típica amazonense e por isso não há tradução.

Dessa forma, percebe-se a potencialidade em ter o aluno como sujeito integrante do planejamento escolar. No que se diz as aulas de inglês, o aluno pode interferir não só na forma como o professor explica o conteúdo mas também em qual conteúdo o professor irá trabalhar, claro que dentro da possibilidade curricular do Estado.

ISSN: 2358-8829

Para compreender melhor a adaptação do material das aulas de língua inglesa para preservação da identidade local, assim como a forma que a identidade local vem sendo trabalhada nas aulas de língua inglesa, buscou se ouvir a percepção dos próprios professores profissionais mediadores de todo o processo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para os dois professores, um de mais de 20 anos de carreira na escola estadual, outro que acabou de entrar na docência como professor substituto e ainda está na graduação, foram feitas as mesmas 6 perguntas a respeito da identidade local e cultura global trabalhadas em sala de aula. De imediato, pode-se perceber a diferença na concepção das teorias de ensino do inglês, problematiza-se que ela parta da formação de inglês como língua franca advinda a partir das mudanças da BNCC em 2018 e do currículo da licenciatura em língua inglesa que foi modificado a partir de então.

Na primeira pergunta, sobre identidade, o professor mais experiente decorreu sobre a importância da identificação do aluno para que ele participe das aulas e tenha motivação para aprender. Ele relata que “quando o aluno se identifica ele tem aquele prazer em aprender e estudar mais”.

Já o professor mais jovem diz sobre a construção da identidade a partir de tudo o que o estudante vem vivendo. E que conforme ele ou ela vá se descobrindo quem é, podendo fazer escolhas sobre sua forma de ser no mundo. Segundo o professor, “Ele percebe que é uma pessoa, que tem identidade e que pode trabalhar sua própria identidade dentro dessa aprendizagem. Da aprendizagem dele”.

Falar sobre a identidade em formação ganha novos contornos quando pensamos na influência da cultura global, principalmente no acesso que hoje se faz, através dos meios de comunicação e das tecnologias de conexão social.

O jovem terá acesso a diversas influências culturais e, se não apresentado de forma a motivá-lo dentro de sua própria cultura, pode acreditar que o de fora é mais importante do que o de dentro. Que a cultura de certos países tem mais influência em sua vida do que a de outros.

Também foi falado sobre a identificação, o gostar a partir do que se reconhece. Ao ser apresentado à diversos movimentos culturais, o jovem também se modifica dentro do que gosta e o que não gosta, dentro da influência local e do seu grupo, assim como em sala de aula.

ISSN: 2358-8829

Os professores também foram perguntados sobre a diferença entre identidade local e cultura global. Nesse caso o professor mais jovem respondeu que entende a identidade local como a perspectiva do aluno, permeada por influências que estão à sua volta devido a determinações geográficas. Diz: “Da realidade que ele vive diante do conhecimento que ele tem, das experiências de vida dele, daquela cultura dele em relação com a de fora”.

Já o professor mais experiente relata sobre a forma com que os alunos acabam por trazer experiências culturais como influência para sua identidade que não necessariamente são locais. Como exemplo o professor traz a influência do funk carioca em alunos do interior do Amazonas. Diz que “ele (o aluno) vê isso em casa, se identifica, e vai trazendo essa influência que é do Rio de Janeiro no seu próprio movimento de construção da cultura individual, até mesmo para os projetos em sala de aula”.

O indivíduo está permeado por culturas diversas que modificam sua forma de compreender a si mesmo. Na discussão sobre Bakhtin, Santos traz que:

> [...] a cultura constituída por atos impregnados de apreciações ideológicas que refletem e refratam signos decorrentes de múltiplos lugares discursivos, permeados pelo diálogo de sujeitos díspares, com vozes e visões de mundo diversas no qual o sentido não é dado, mas construído em arenas discursivas (2013, p. 34).

Isso significa dizer que a interpretação do professor sobre a cultura local pode ser diferente da própria interpretação do aluno. Sendo necessário na mediação a compreensão do que seria identidade para os grupos.

Quando perguntados sobre as experiências de sala de aula, os professores relataram buscar se basear mais nas vivências dos alunos e na cultura local, apesar de nas falas ainda se ver relatos do preconceito que os alunos têm com a própria cultura indígena e cabocla. Um dos professores relata que mesmo vindo de realidades ribeirinhas, os alunos muitas vezes evitam trazer conhecimentos e experiências da comunidade para a sala de aula, por medo do julgamento dos colegas e até mesmo por acreditarem ser de uma realidade inferior. “Acaba que a nossa cultura se torna mais fraca aos ouvidos deles do que o que vem de fora. Até mesmo a cultura do boi, de raiz amazonense, não é algo que tenha tanta influência aqui (em Ipixuna-AM)”.

O segundo professor traz a experiência da comparação: “Eu costumo trabalhar com coisas que trago da cultura de fora, mas sempre em uma comparação do que tem aqui, por exemplo quando trabalhamos sobre a Índia”.

ISSN: 2358-8829

Além disso, o professor relatou que “também perguntava para eles sobre o que era produzido aqui, no Brasil e em Ipixuna”. Dessa forma, o professor diz buscar fazer com que os alunos problematizem e aprendam sobre o que vem de outros países, mas também sobre o que é local.

Essa dinâmica de conversar entre o que vem de mim e o que vem do outro, enriquece as aulas de inglês no sentido de permitir que o aluno construa na comparação e na aceitação da diferença.

O professor mais experiente relatou exemplos como o trabalho com músicas, poesia, trocas em rodas de conversa, etc. Para ele, tudo isso se mostrou uma ponte para a apresentação e sistematização da cultura global e identidade local nos sujeitos.

Dessa forma, ambos os professores reconheceram que muitas vezes essas práticas vêm de propostas interdisciplinares, algo também reconhecido dentro da própria BNCC pela sua potência em enraizar o conhecimento através da interação do aluno com a realidade, não pela divisão em matérias. Muitas dessas trazidas como pedidos da própria coordenação e gestão escolar, mostrando a potencialidade do trabalho da equipe e comunidade como um todo.

Por último os professores foram perguntados sobre como romper com o ensino de inglês direcionado para a discussão da cultura do outro, principalmente a Eurocentralizada e advinda dos Estados Unidos.

O professor mais experiente diz que hoje em dia os próprios alunos já vêm apresentando novas experiências, por exemplo a Coreia do Sul, que através do Soft Power vem conquistando espaço na construção cultural dos alunos adolescentes. Ele também relatou sobre a forma como a internet vem permitindo desmistificar a relação de superioridade de uma cultura acima da outra, além de quebrar estigmas que por muito tempo foram divulgados.

O professor mais jovem relatou que a principal atitude frente a sala é trabalhar para além de países falantes de língua inglesa como nativos e ajudar o aluno a compreender que falando inglês ele poderá não só ter acesso a um campo novo e diverso de ideias como também discutir e divulgar sua própria visão de mundo para várias pessoas.

O inglês como língua franca permite o ensino da língua a partir da perspectiva da comunicação, fazendo com que mais e mais pessoas interajam e se reconheçam na interação do outro, pois todos temos semelhanças e diferenças com diversas culturas, sem

ISSN: 2358-8829

nunca dizer que uma merece mais status do que a outra, mas talvez problematizando a influência que uma cultura pode exercer no ideológico de jovens estudantes.

No Brasil, os alunos são influenciados pelas redes sociais o tempo todo, trazendo discussões para a sala de aula que muitas vezes vão além do conteúdo programado e acredita-se que a riqueza da aula de língua inglesa parte principalmente pela sua capacidade de ampliação das interpretações de mundo dos sujeitos. Como uma porta para viagens que talvez o estudante ainda não tenha tido a oportunidade de fazer.

Segundo Bauman (2001) a principal questão da identidade é qual escolher e por quanto tempo permanecer nela. A construção do jovem perante a sua cultura local e a experiência de culturas globais, principalmente no dito a comparação, se mostra tão importante quanto a aprendizagem da língua inglesa no contexto de respeito à diversidade e participação no mundo. Permitindo que o sujeito ganhe voz e saiba interpretar as faces da globalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa foi realizada com dois professores de uma das escolas estaduais no interior do Amazonas, em uma cidade de cerca de 22 mil habitantes chamada Ipixuna.

Quando conversamos com esses professores pôde-se perceber, que a principal forma de se trabalhar cultura dentro da sala de aula de língua inglesa ainda vem sendo centralizada na cultura do outro, principalmente a partir de países já conhecidos como falantes de língua inglesa, Inglaterra e Estados Unidos, mas também pode-se perceber uma busca por romper com esse estigma de que uma cultura possa ser superior a outra, ou que o aluno deve conhecer mais sobre a cultura mundial em sala de aula de língua inglesa, e menos discutir sobre sua própria cultura e ideologias.

Também foi discutido entre os professores a necessidade de compreender o ensino da língua inglesa como porta cultural para o mundo. Em uma perspectiva que compreende a identidade do aluno como central até mesmo na busca por promover sua motivação em sala de aula partindo da ideia de que o reconhecimento do que lhe é comum lhe chame a atenção.

Quando perguntado sobre como o ensino local os professores trouxeram atividades interdisciplinares propostas pela própria direção da escola, percebe-se que há ainda um longo caminho a ser trilhado para que possamos mais livremente abri discussões entre a experiência do aluno, sua realidade, a comparação com a realidade e cultura do

outro (cultura global) e sua própria vivência de mundo, influenciado pela tecnologia de mídia social, filmes, músicas, etc.

Também nessa conversa buscou se discutir qual a melhor abordagem para trazer a cultura do aluno para dentro da sala de aula de língua inglesa, falou-se sobre vocabulário, rodas de conversa e discussões que permitam ao aluno não só a aquisição da estrutura do idioma, mas também a compreensão de que o falante de inglês pode permear sua cultura a mais pessoas, enquanto divide o seu conhecimento de mundo e aprende com os outros a partir do respeito a sua cultura local, identidade dos sujeitos, e a diversidade que encontramos no mundo.

Palavras-chave: Cultura e Ensino de Língua Inglesa, Ensino de Inglês no Interior do Amazonas, Língua Estrangeira Moderna na Escola Pública.

AGRADECIMENTOS

Aos professores participantes por sempre se mostrarem abertos a não apenas participar das pesquisas e compartilhar seus conhecimentos, mas também ensinar e aprender conosco, nessa troca que nos (trans)forma todos os dias.

À instituição da Universidade Estadual do Amazonas, que se mostra referência pioneira no incentivo à pesquisa no interior do estado.

Às instituições estaduais de ensino que permitem a construção de discussões acerca do desenvolvimento escolar e da constante busca pela melhoria do ensino de língua estrangeira não só na cidade, como também no estado e no Brasil.

Finalmente, a todos que direta ou indiretamente contribuem para o aumento de estudos sobre o ensino de língua inglesa e a linguística aplicada no Amazonas.

Meu muito obrigada.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (V. N. Volochínov). Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem [1929]. Prefácio Roman Jakobson; Apresentação de Marina Yaguello. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010d.

BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, M. de F (org.). Escola Viva: Elementos para a construção de uma educação de qualidade social. Campinas: Mercado Letras, 2004.

JESUS, Sérgio Nunes de; ALVES, Shyrley de Almeida. Linguagem e didática amazônica: entre a colonialidade e a resistência cultural (abordagens). REMUNOM. V. 2, n. 2, p. 1-25, 2026. Disponível em: https://remunom.ojsbr.com/multidisciplinar/pt_BR/article/view/5574. Acesso em: 10. Mai. 2026.

LEFFA, V. J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). O professor de línguas estrangeiras; construindo a profissão. Pelotas, 2001, v. 1, p. 333-355.

LIBÂNEO, J. C. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública: pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985. p. 3-37. Disponível em: <http://www.fatoconcursos.com.br/adm/extras/TendenciasPedagogicasnaPraticaEscolarLibaneo.pdf17102016062705.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2025

SANTOS, Everton Sales dos. Fundos de conhecimento: a língua inglesa através de práticas sociais sob um olhar bakhtiniano. 2013. Disponível em: https://ri.ufmt.br/handle/1/1156. Acesso em: 20. Mai. 2026.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

UCHÔA, J. M. S. O ensino da língua inglesa em uma comunidade amazônica: práticas de resistência ao imperialismo do mercado editorial. Communitas, v. 1, n. 2, p. 514-527, 2017.